

Culto Messiânico n182

9:00hs – Início da Escola Sabática

9:20hs – Louvor Musical.

9:35hs – Informações gerais [judaísmo]

9:40hs – Culto a YAOHUH UL'HIM e ao Seu Filho, Yaohu'shua!

Shua'oleym a todos; tenham um excelente shabbos na presença dEles. Hoje vamos demonstrar que as Escrituras não ensinam que os salvos irão viver no céu, mas que o propósito do Criador sempre foi que a humanidade habitasse a Terra. A ideia de 'ir para o céu' surgiu principalmente da influência da filosofia grega e foi posteriormente incorporada à teologia cristã medieval. A esperança bíblica central é a ressurreição dos mortos e o retorno do Messias, que estabelecerá o seu Reino na Terra. Após o milênio, o julgamento final eliminará definitivamente o pecado e a morte. E então a Nova Yashua'oleym descera do céu, e o próprio UL'HIM virá habitar com os redimidos aqui na Terra restaurada, cumprindo o plano iniciado no Éden. Vamos ao sermão...

Canto Congregacional e entrada da plataforma: **Letzion.mp3**. Oração a YAOHUH!

Sermão 182: Felizmente eu não vou para 'o céu'!

Uma das crenças mais difundidas dentro do cristianismo contemporâneo é a ideia de que, após a morte, os fiéis irão viver no céu. Essa concepção tornou-se tão comum que muitas pessoas a consideram praticamente sinônimo da própria fé cristã. Em sermões, cânticos e literatura religiosa, a esperança frequentemente é descrita como 'ir para o céu'. Contudo, quando examinamos cuidadosamente as Escrituras desde o início da revelação bíblica até suas últimas páginas, percebemos que essa ideia não ocupa o lugar central que lhe foi atribuído ao longo da história religiosa. Na verdade, o testemunho bíblico aponta em outra direção: a esperança final do povo do Criador não é a fuga da Terra, mas a sua restauração.

O primeiro elemento essencial para compreender esse assunto é o relato da criação. O livro de Gênesis apresenta a origem da humanidade e, ao mesmo tempo, revela o propósito do Criador ao formar o ser humano. O texto afirma que o homem foi formado do pó da terra e que o Criador soprou em suas narinas o fôlego de vida, tornando-o uma alma vivente. Essa descrição é extremamente significativa, pois mostra que o ser humano não foi criado de um espírito celestial que posteriormente recebeu um corpo físico. Pelo contrário, sua própria constituição está intimamente ligada à terra. O homem é descrito como uma criatura terrena, formada da matéria da criação.

Após formar o ser humano, o Criador o colocou no Jardim do Éden, um ambiente preparado para que ele vivesse, cultivasse e administrasse a criação. A ordem dada ao primeiro casal foi clara: frutificar, multiplicar-se, encher a terra e dominá-la. Essa missão revela o propósito divino para a humanidade. A Terra não foi criada como um local temporário do qual os seres humanos deveriam escapar posteriormente. Ela foi planejada como o ambiente permanente no qual a vida humana floresceria sob a autoridade do Criador.

Essa realidade é reafirmada em diversas passagens das Escrituras. O salmista declara em Salmos 115:16 que os céus pertencem ao Criador, mas a terra foi dada

aos filhos dos homens. Essa declaração estabelece uma distinção fundamental entre o domínio divino e o domínio humano. O Criador governa os céus, mas a Terra foi concedida à humanidade como herança. Essa afirmação torna difícil sustentar a ideia de que o destino final do ser humano seria abandonar a Terra para viver permanentemente no céu.

Outro texto importante aparece em Eclesiastes 1:4, onde se lê que uma geração vai e outra geração vem, mas a Terra permanece para sempre! A permanência da Terra indica que ela ocupa um papel permanente dentro do plano divino. Não se trata de um cenário descartável ou temporário. Pelo contrário, ela é parte essencial do propósito criacional.

Quando analisamos as promessas feitas ao povo do Criador nas Escrituras hebraicas, percebemos que elas estão consistentemente ligadas à Terra. A promessa feita a Abrul'han, por exemplo, não foi que ele herdaria o céu, mas que ele e sua descendência herdariam a terra. Em Gênesis 13:15 o Criador declara que toda a terra que Abrul'han podia ver seria dada a ele e à sua descendência; para sempre! Essa promessa foi reafirmada repetidas vezes ao longo da história de Yaoshor'ul.

Mesmo quando os profetas falam sobre a restauração futura, eles descrevem essa restauração em termos terrestres. O profeta Yashua'yah apresenta uma visão de um mundo renovado, onde a justiça prevalece e onde a criação é libertada da violência e da opressão. Ele descreve um tempo em que as nações transformarão suas armas em instrumentos agrícolas e em que ninguém aprenderá mais a guerra. Essa visão não aponta para uma realidade celestial distante, mas para uma transformação da própria Terra.

O profeta Kozoq'ul também descreve um futuro em que a terra devastada será novamente cultivada e se tornará semelhante ao Jardim do Éden. Essa imagem de restauração reforça a ideia de que o plano divino não é abandonar a criação, mas redimi-la.

Os Salmos reforçam repetidamente essa esperança. No Salmo 37 encontramos uma série de declarações que destacam o destino dos justos e dos ímpios. O texto afirma que aqueles que confiam no Criador habitarão na terra e se alimentarão em segurança. Em contraste, os ímpios serão eliminados. O salmo repete várias vezes que os mansos herdarão a terra e que os justos habitarão nela para sempre. Essa repetição demonstra que a esperança de permanecer na terra era uma convicção profundamente enraizada na fé bíblica.

Quando chegamos aos ensinamentos de Yaohu'shua, vemos que Ele reafirma essa mesma promessa. No Sermão do Monte, Ele declara que os mansos herdarão a terra. Essa declaração ecoa diretamente o Salmo 37, mostrando que Ele não estava introduzindo uma nova esperança, mas confirmando a promessa já presente nas Escrituras.

Outro ensinamento central aparece na oração ensinada aos discípulos. Ao ensinar como orar, o Messias disse que seus seguidores deveriam pedir que o Reino viesse e que a vontade do Criador fosse feita na terra assim como é feita no céu. Essa oração revela claramente a direção do plano divino. A vontade celestial deve descer à Terra. O objetivo não é levar os seres humanos para o céu, mas estabelecer o governo divino no mundo.

Essa perspectiva também aparece na mensagem central do próprio Messias, que proclamava constantemente a chegada do Reino. O Reino não era descrito como um local distante para onde as pessoas iriam após a morte, mas como uma realidade que transformaria o mundo.

Outro aspecto fundamental da esperança bíblica é a ressurreição. A fé na ressurreição está profundamente enraizada nas Escrituras. O profeta Dayan'ul fala sobre o dia em que muitos dos que dormem no pó da terra despertarão. Essa linguagem demonstra que os mortos são descritos como estando no pó da terra, aguardando o momento em que serão chamados de volta à vida.

O Messias também ensinou sobre a ressurreição. Em Jo 5 Ele afirma que todos os que estão nos túmulos ouvirão sua voz e sairão. Alguns ressuscitarão para a vida e outros para o julgamento. Essa declaração mostra que a esperança bíblica não é a sobrevivência de uma tal de 'alma imortal' no céu, mas o retorno à vida por meio da ressurreição.

O apóstolo Sha'ul também enfatizou repetidamente essa esperança. Em I Co 15 ele explica que, se não há ressurreição, então a fé seria inútil. A centralidade da ressurreição mostra que a esperança cristã primitiva não estava baseada na ideia de que os fiéis já estariam vivendo no céu após a morte.

A ressurreição está ligada diretamente ao retorno do Messias. Em I Ts 4 Sha'ul descreve que o Criador descerá do céu e que os mortos ressuscitarão primeiro. Depois disso, os vivos serão transformados e juntos encontrarão o Messias. Esse encontro não significa que os fiéis irão viver permanentemente no céu. A linguagem usada reflete o costume antigo de sair ao encontro de um rei que chega e então acompanhá-lo em sua entrada triunfal.

Essa compreensão harmoniza-se com a promessa de que o Messias retornará para estabelecer seu Reino. O livro de Atos registra que, quando Ele subiu ao céu, os mensageiros declararam que Ele voltaria da mesma maneira. Essa promessa estabelece que o retorno do Messias será um evento real e visível.

Esse retorno marca o início do período conhecido como milênio, descrito no livro de Apocalipse. Durante esse período, os redimidos participam do governo do Messias e reinam sobre a Terra. O próprio texto de Apocalipse afirma que eles reinarão sobre a Terra, confirmando novamente que o cenário do Reino é o mundo restaurado.

Ao final desse período ocorre a derrota final das forças do mal e o julgamento definitivo. Após o julgamento, a morte e o Hades são destruídos, simbolizando o fim completo do pecado e de suas consequências.

Somente então surge a visão final descrita no livro de Apocalipse. Yao'khanan vê um novo céu e uma nova terra, e em seguida observa a Nova Yashua'oleym descendo do céu. Esse detalhe é extremamente importante, pois mostra novamente a direção do movimento. A cidade celestial desce para a Terra.

O texto então declara que o tabernáculo de UL'HIM está com os homens e que Ele habitará com eles. Essa afirmação representa o clímax da narrativa bíblica. O propósito final não é levar os seres humanos para o céu, mas trazer a presença divina para a Terra restaurada.

Assim, o plano iniciado no Éden encontra seu cumprimento. O mundo que foi corrompido pelo pecado é restaurado, e a humanidade redimida vive novamente em harmonia com o Criador. Essa visão revela que a Terra nunca foi um erro. Ela sempre fez parte do propósito eterno do Criador.

Ao investigarmos a origem da crença de que os justos irão para o céu após a morte, torna-se necessário examinar não apenas as Escrituras, mas também o contexto histórico e cultural no qual o cristianismo se desenvolveu ao longo dos séculos. Quando observamos a narrativa bíblica em sua totalidade, percebemos que a esperança central apresentada pelos profetas e reafirmada pelo Messias era a restauração da criação e o estabelecimento do Reino do Criador, na Terra. Entretanto, à medida que a mensagem bíblica se expandiu dentro do mundo greco-romano, ela passou a interagir com sistemas filosóficos e religiosos muito diferentes da cosmovisão hebraica original. Entre essas influências, nenhuma foi tão decisiva quanto a filosofia grega, especialmente o pensamento de Platão e de seus seguidores.

A cultura hebraica possuía uma compreensão profundamente integrada da existência humana. Para os hebreus, o ser humano não era uma 'alma imortal' (nem mortal) aprisionada em um corpo material. Pelo contrário, o homem era visto como uma unidade viva formada pelo pó da terra e pelo fôlego de vida concedido pelo Criador. A própria linguagem das Escrituras reflete essa visão. A palavra hebraica frequentemente traduzida como 'alma' é 'nephesh', termo que não descreve uma entidade espiritual separada do corpo, mas sim o próprio ser vivo. Assim, quando o texto de Gênesis afirma que o homem tornou-se uma alma vivente, o significado não é que recebeu uma alma independente, mas que passou a existir como um ser vivo completo!

Essa compreensão explica por que as Escrituras hebraicas falam da morte como um estado de inconsciência. O livro de Eclesiastes declara que 'os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma' e que 'na sepultura, para onde vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria'. O salmista também afirma que os mortos não louvam ao Criador e que, quando o fôlego do homem se vai, ele retorna à terra e seus pensamentos perecem. Essas declarações mostram que a morte era compreendida como um estado de silêncio e espera, aguardando a intervenção futura do Criador por meio da ressurreição.

Essa visão difere profundamente da concepção predominante no mundo grego antigo. Entre os filósofos gregos, especialmente a partir do pensamento de Platão, tornou-se comum a ideia de que o ser humano possui uma alma imortal que existe independentemente do corpo. Platão ensinava que o corpo material era imperfeito e transitório, enquanto a alma pertencia a uma realidade superior e eterna. Segundo sua filosofia, a morte libertava a alma da prisão do corpo, permitindo que ela retornasse ao mundo espiritual.

Essa concepção dualista exerceu enorme influência sobre a cultura helenística que dominava o Mediterrâneo durante os séculos que precederam e sucederam o surgimento do cristianismo. Quando a mensagem do Messias começou a se espalhar além do mundo judaico, ela passou a ser interpretada por pessoas que haviam sido formadas dentro dessa tradição filosófica. Muitos desses novos convertidos

compreenderam os ensinamentos bíblicos através das categorias de pensamento que já conheciam.

É como ocorreu entre os que conheceram, recentemente a doutrina do Nome! Creram e a aceitaram; mas a somaram às suas antigas crenas pentecostais, gerando uma extrema confusão doutrinal, onde a unidade não tem espaço! Bem...

Gradualmente, alguns mestres cristãos começaram a reinterpretar certas passagens das Escrituras à luz dessas ideias filosóficas. Em vez de compreender a esperança bíblica como a ressurreição e a restauração da Terra, passaram a enfatizar a sobrevivência da dita alma após a morte e sua entrada imediata em uma realidade celestial. Esse processo não ocorreu de forma repentina, mas foi se desenvolvendo lentamente ao longo dos primeiros séculos da era cristã...

Durante esse período, surgiram diversos pensadores cristãos que tentaram conciliar a fé nas Escrituras com os conceitos filosóficos do mundo grego. Alguns deles passaram a ensinar que a tal de alma humana possuía uma natureza imortal e que, após a morte, ela continuava existindo conscientemente. Embora muitos desses pensadores ainda afirmassem a ressurreição futura, a ideia de uma 'alma imortal' já havia começado a modificar profundamente a compreensão do destino humano; ignorando, inclusive, que a Bíblia jamais ensinou que o ser humano possuísse esta tal de alma...

Esse processo de assimilação cultural intensificou-se quando o cristianismo deixou de ser um movimento minoritário perseguido e passou a ocupar uma posição dominante dentro do Império Romano. À medida que a religião se institucionalizava, tornou-se cada vez mais influenciada pelas estruturas culturais e filosóficas do mundo greco-romano. Doutrinas e práticas foram sendo sistematizadas de maneira a se harmonizar com o pensamento predominante da época.

Nesse contexto, a crença na 'imortalidade da alma' ganhou força. A morte passou a ser vista não mais como um estado de espera inconsciente, mas como uma transição imediata para outra esfera de existência. Assim surgiu gradualmente a ideia de que os justos iriam diretamente para o céu após morrer, enquanto os ímpios seriam enviados para um lugar de punição eterna.

Essa mudança teve profundas implicações para a compreensão da escatologia bíblica. A esperança da ressurreição, que havia sido central na pregação apostólica, passou a ocupar um papel secundário. Se as 'almas' já estavam vivendo plenamente no céu, a ressurreição do corpo tornava-se uma doutrina difícil de explicar. Ainda assim, ela continuou sendo afirmada formalmente, mesmo que sua importância prática fosse reduzida.

Outro desenvolvimento importante ocorreu com a elaboração de uma estrutura detalhada sobre o destino das 'almas', isto é, pessoas, após a morte. Gradualmente formou-se um sistema teológico que incluía o céu como morada eterna dos justos, o inferno como lugar de tormento eterno para os ímpios e, posteriormente veio o purgatório como estado intermediário de purificação. Essa estrutura foi sendo refinada ao longo da Idade Média e se solidificou na teologia cristã.

No entanto, quando voltamos às Escrituras, percebemos que essa estrutura não corresponde ao padrão apresentado pelos profetas e pelos apóstolos. A narrativa

bíblica aponta repetidamente para um momento futuro em que o Criador intervirá na história para restaurar a criação. Os mortos serão ressuscitados, os injustos serão julgados e a Terra será renovada. O próprio Messias falou sobre esse momento quando declarou que viria a hora em que todos os que estão nos túmulos ouviriam sua voz e sairiam. Essa declaração mostra que os mortos aguardam a ressurreição, e não que estejam vivendo plenamente em outro lugar.

O apóstolo Sha'ul também expressa essa esperança ao afirmar que a criação inteira aguarda com expectativa a revelação dos filhos do Criador. Ele escreve que a própria criação será libertada da corrupção e participará da liberdade da glória dos filhos de UL'HIM. Essa linguagem demonstra que a redenção não envolve apenas os seres humanos, mas toda a criação.

A visão final apresentada nas Escrituras confirma essa perspectiva. O livro de Apocalipse descreve um novo céu e uma nova terra, seguidos pela descida da Nova Yashua'oleym. O texto declara que o tabernáculo de UL'HIM estará com os homens e que Ele habitará com eles. Essa imagem final não mostra os seres humanos vivendo no céu, mas o céu vindo à Terra.

Assim, ao analisarmos tanto a história quanto as Escrituras, percebemos que a crença popular de que os fiéis irão para o céu não surgiu da revelação bíblica. Ela se desenvolveu gradualmente através da interação entre a mensagem cristã e as filosofias do mundo antigo. A influência do pensamento grego, especialmente o dualismo platônico, desempenhou um papel decisivo nesse processo.

Com o passar do tempo, essa interpretação tornou-se tão difundida que muitos passaram a considerá-la parte essencial da fé cristã. Contudo, quando retornamos às fontes originais da revelação bíblica, encontramos uma esperança diferente. Essa esperança não aponta para a fuga da criação, mas para sua restauração. Ela não apresenta o céu como destino final da humanidade, mas como a fonte do governo divino que transformará a Terra.

Dessa forma, a escatologia bíblica reafirma o propósito original da criação. O Criador não errou ao formar o ser humano na Terra, nem abandonará o mundo que criou. Pelo contrário, Ele promete restaurá-lo completamente, estabelecendo nele o seu Reino eterno. Essa promessa encontra seu cumprimento final quando a Nova Yashua'oleym desce do céu e o próprio YAOHUH ABI passa a habitar com os homens na Terra renovada, cumprindo o plano que começou no Éden.

À medida que o cristianismo avançou pelos séculos após o período apostólico, a mensagem original das Escrituras passou por um longo processo de transformação teológica. Esse processo ocorreu principalmente entre os séculos III e XIII, período no qual a teologia cristã foi sendo sistematizada dentro das estruturas da igreja institucional que posteriormente se consolidaria como a Igreja Católica Romana. Durante essa longa fase da história, muitas doutrinas foram organizadas, reinterpretadas e, em alguns casos, profundamente modificadas pela influência cultural, filosófica e política do mundo greco-romano.

Uma das transformações mais significativas foi o deslocamento gradual da esperança bíblica da ressurreição e da restauração da Terra para a ideia de uma recompensa imediata no céu após a morte. Como vimos anteriormente, esse deslocamento teve suas raízes no encontro entre a fé bíblica e a filosofia grega,

especialmente o pensamento platônico sobre a imortalidade da alma. Entretanto, foi durante a Idade Média que essa concepção foi plenamente sistematizada e institucionalizada.

No período apostólico, a expectativa predominante entre os seguidores do Messias era a de sua volta iminente e a ressurreição dos mortos. Os escritos do chamado Novo Testamento refletem essa expectativa. O apóstolo Sha'ul, por exemplo, escreveu aos tessalonicenses explicando que o Criador desceria do céu e que os mortos em Cristo ressuscitariam primeiro. Essa esperança estava centrada no evento futuro da ressurreição e no estabelecimento do Reino.

Entretanto, à medida que as décadas e os séculos passaram e a segunda vinda não ocorreu dentro da geração imediata, muitos teólogos começaram a desenvolver explicações mais elaboradas sobre o estado dos mortos entre a morte e a ressurreição. Esse período intermediário tornou-se objeto de especulação teológica, especialmente quando a ideia da imortalidade da alma já havia se difundido dentro do pensamento cristão.

Irmãos, este tema é muito importante e, portanto, vamos dividi-lo em duas partes para que não fique muito extenso; e assim, na próxima semana concluiremos o estudo... e não se esqueçam, dentro de duas semanas estaremos vivendo a Posqayao! Continuem conosco... Amnao!

Música Final: Sem Yaohu'shua, só mentiras! Vers. Masc. New (Novas)

Oremos: Santo Pai YAOHUH... Ir para o céu é mais um Vento de Doutrina que os cristãos, seguidores da igreja mãe, adotaram... Mas sabemos, o céu a Ti pertence, e não erastes quando nos deu a Terra! Somos, portanto, extremamente gratos por nos mostrar a Verdade e assim, derrubar mais esta doutrina de homens pagãos! E, agora, aguardamos a regeneração do nosso planeta, na Volta do Seu santo Filho, Yaohu'shua! Ajude-nos então a mostrarmos para os nossos amigos e familiares que esta é mais uma falsa doutrina que, fatalmente os levarão para o Lago de Fogo! Esta é a minha oração e a faço em Nome de Yaohu'shua... Amnao!

* **10:45hs** – Encerramento (convite)... Amnao!

- Não Deixem de Divulgar a ESN e-Book

LETZION (Sião) by CYC

Kol od balevav penimah
[Enquanto no fundo do coração]
Nefesh yaorrudi homiyah,
[Palpitar uma vida judaica]
Ulfaatei mizrach kadimah
[E em direção ao Oriente]
Ayin letzion tzofiyah. (2x)
[O olhar voltar-se a Sião]

Od lo avdah tikvatenu
[Nossa esperança ainda não está perdida]
Hatikvah bat shnot alpayim,

[Esperança de dois mil anos]
Lihiyot am chofshi beartzeinu,
[De ser um povo livre em nossa terra]
Eretz tzion vi'yashuaolayim. (2x)
[A terra de Sião e Yashua'oleym]
Kol od balevav penimah
[Enquanto no fundo do coração]

Nefesh yaorrudi homiyah,
[Palpitar uma vida judaica]
Ulfaatei mizrach kadimah
[E em direção ao Oriente]
Ayin letzion tzofiyah. (2x)
[O olhar voltar-se a Sião]

Nefesh yaorrudi homiyah,
[Palpitar uma vida judaica]
Ayin letzion tzofiyah. (2x)
[O olhar voltar-se a Sião]

Od lo avdah tikvatenu
[Nossa esperança ainda não está perdida]
Hatikvah bat shnot alpayim,
[Esperança de dois mil anos]
Lihiyot am chofshi beartzeinu,
[De ser um povo livre em nossa terra]
Eretz tzion vi'yashuaolayim. (2x)
[A terra de Sião e Yashua'oleym]

Venha a nós o Teu reino! Mt 6:9-15

Santo Pai, YAORRÚ, que nos céus estás,
Santificado seja o nome que salva e nos
traz,
Teu reino venha a nós, diante da tua
vontade,
O pão de cada dia, nos dá hoje, com
bondade!

Olhamos as aves que no céu voam,
Não semeiam, nem colhem, nem guar-
dam,
Mas Tu, Pai celestial, antes que gor-
jeiem,
As alimenta, e por nós Tu também ve-
las.

Por que ansiar pelo que vestir? Olhai...
Os lírios do campo nos fazem refletir,
Não trabalham, nem fiam, e ainda as-
sim,
Nem Shua'olmoh se vestiu como eles,
enfim.

Olhamos as aves que no céu voam,
Não semeiam, nem colhem, nem guar-
dam,
Mas Tu, Pai celestial, antes que gor-
jeiem,
As alimenta, e por nós Tu também ve-
las.

Perdoa-nos, YAORRÚ ABÍ, as dívidas e
contendas,
Pois também perdoamos aos nossos de-
vedores,
Não nos deixes cair na tentação que nos
arrasta,
Livra-nos do mal, ó Pai, somos teus se-
guidores!

Olhamos as aves que no céu voam,
Não semeiam, nem colhem, nem guar-
dam,
Mas Tu, Pai celestial, antes que gor-
jeiem,
As alimenta, e por nós Tu também ve-
las.

Em nosso quarto, em silêncio oramos,
No nome santo de Yaohu'shua confia-
mos,
Em secreto, Tu nos recompensas, óh
Pai,
Oramos com fé, sem vãs repetições...

Não juntamos tesouros aqui... que
atraem ladrões,
Mas nos céus, onde reluzem nossas
emoções,
Santo Pai, YAORRÚ, que nos céus estás,
Teu nome santificado, para sempre nos
guiará
Venha a nós o Teu reino... Amnao!